

Análise de Estratégias de Tradução. O Caso dos Substantivos Compostos na Linguagem Jurídica no Par de Línguas Alemão-Português

Translation Strategies: the case of the compound nouns in legal texts in the language pair german/portuguese

MICAELA DA SILVA MARQUES MOURA*

PALAVRAS-CHAVE: Compostos Substantivais, Linguagem Jurídica, Alemão, Português.

KEYWORDS: Compound nouns, Legal Language, German, Portuguese.

Introdução

Em muitas situações diárias utilizamos, a par da linguagem comum, a linguagem do direito. Todavia fazemo-lo muitas vezes de forma inconsciente e normalmente não refletimos sobre a origem das palavras. Por outro lado, e em virtude da atual globalização e conseqüente intensificação dos contactos internacionais, é também cada vez maior a necessidade de tradução de textos das diversas áreas do direito, e aceitando sem discussão que a tradução jurídica não é uma operação impossível, põe-se também a pergunta de saber que instrumentos, que estratégias, que conhecimentos deve ter um tradutor que trabalhe com textos jurídicos para que o translato que apresente possa satisfazer as exigências próprias de uma comunicação que não é só interlinguística, mas intercultural.

Tendo estes aspetos em conta decidimos selecionar, para este artigo, a análise dos compostos substantivais, porque é a classe gramatical onde se encontram integrados elementos da língua que são os maiores portadores de informação dentro da linguagem do direito. Esta análise servirá para, com base nos substantivos compostos, se refletir sobre as relações entre os seus

* Docente do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Investigadora do Centro de Estudo Interculturais (ISCAP) e do Centro de Estudos Organizacionais e Sociais (ISCAP). Este artigo enquadra-se no trabalho de investigação que foi desenvolvido pela autora no âmbito da sua dissertação de doutoramento, defendida em 2012.

constituintes, para desse modo se chegar a uma ideia fundamentada da razão por que as linguagens de especialidade (alemãs) e, entre elas, a do direito empregam com frequência palavras compostas como meio de condensação e precisão da informação.

A linguagem do direito

Antes de iniciar a análise dos substantivos debruçar-nos-emos sobre a linguagem do direito.

A linguagem jurídica ocupa-se de matérias de natureza abstrata, que não podem ser comprovadas como em outras áreas, como por exemplo a física. As normas jurídicas codificadas na lei não descrevem circunstâncias ou situações factuais concretas, mas estabelecem fundamentalmente preceitos, e estes preceitos não são suscetíveis de comprovação. Por isso o único instrumento de trabalho do direito é a língua: é só por intermédio desta que por exemplo as normas jurídicas podem ganhar forma, serem divulgadas, debatidas, aplicadas.

Sendo a linguagem jurídica uma linguagem de especialidade é consensual que uma linguagem de especialidade não é uma língua independente, mas sim uma variante funcional ou um sistema parcial ou um subsistema de uma língua natural. Sob este ponto de vista a linguagem comum constitui o núcleo de qualquer linguagem de especialidade (cf. Trabandt, 1983, p. 29; Wüster [no Prefácio à obra de Drozd/Seibicke, 1973: VIII]).

A linguagem do direito como linguagem de especialidade caracteriza-se, por um lado, por fazer uso de termos da linguagem comum, mas também de palavras a que, embora oriundas desta linguagem, é atribuído um significado diferente; e, por outro lado, emprega termos específicos da linguagem do direito e até expressões de outras áreas técnicas, tais como *terão de ocorrer*, por exemplo, em contratos de compra e venda de certos bens industriais ou num registo de patente. Estes traços da linguagem do direito são apenas alguns dos procedimentos possíveis para ampliar o seu vocabulário e para chegarem a novos termos mas não os únicos. Tendo a linguagem jurídica necessidade de recorrer a novas designações para dar conta de conceitos novos, é imprescindível lançar mão a outros meios, mas também reconhecer que esses meios de que dispõem são relativamente limitados. A criação de palavras a partir de elementos que as línguas ainda não conheçam é um fenómeno muito raro, de modo que a alternativa que se oferece é fazer uso e explorar os materiais que já existem. Esses meios lexicais são os mesmos conhecidos da linguagem comum,

mas são usados com frequência e proporções diferentes e são o empréstimo, a adaptação, a conversão, o encurtamento, a derivação e a composição de palavras. Neste artigo dedicaremos mais pormenorizada atenção apenas a um destes processos: a composição dos substantivos, pois esta é, na língua alemã e a par da derivação, um dos mecanismos centrais e mais produtivos da formação de palavras. Operando no âmbito das principais classes de palavras com significado lexical (substantivo, adjetivo, verbo), consiste na combinação de dois (ou mais) constituintes lexicais ou morfemas, que podem além disso ocorrer livremente nos textos. O resultado dessa combinação é a palavra composta (*Kompositum*), na qual, em regra, o último elemento define a categoria gramatical a que pertence e a classe flexional.

O corpus

Os materiais que aqui vão ser analisados são extraídos da obra de R. Stober (2006¹⁵) *Allgemeines Wirtschaftsverwaltungsrecht. Grundlagen und Prinzipien. Wirtschaftsverfassungsrecht*, um manual para uso universitário, cuja função é a da transmissão organizada e estruturada de informação e conhecimentos da área jurídica, e em que, portanto, os intervenientes não são simples leigos. A realização desta função de comunicação específica só é possível mediante o emprego de meios linguísticos adequados ao contexto situacional em que a informação é veiculada e recebida, apresentando a obra, uma macroestrutura que é determinada pelas tradições e pelas convenções postas em prática nos manuais de direito.

Foi explorado, mais especificamente, o segundo subcapítulo do capítulo B, intitulado: «Wirtschaftsverwaltungsrelevante Staats- und Rechtsprinzipien» (Stober, 2006, pp. 45-87) / «Princípios jurídicos e constitucionais relevantes do ponto de vista da Administração económica» (versão traduzida, 2008, pp. 59-115).

De um universo de 17.784 palavras gráficas (na tradução para português contabilizam-se 22.937 palavras) que constituem este segundo subcapítulo, foram extraídos 496 substantivos. Optámos por extrair apenas os compostos substantivais determinativos, porque este tipo de composição é, na língua alemã, o mecanismo de formação de palavras mais utilizado e o mais característico das linguagens de especialidade (cf. Entsheva, 1992, p. 201).

Os substantivos compostos

Pelo que diz respeito à composição na área do substantivo na língua alemã, ela representa um meio de formação de palavras que é muito frequente nas linguagens de especialidade, uma circunstância que não se afigura estranha se se considerar que já, em geral, os substantivos não só constituem a parte principal do vocabulário (cf. Erben, 1972, p. 124, que observou que a importância desta classe de palavras se correlacionava com o respetivo inventário [50-60% do conjunto do vocabulário alemão], e Weinrich, 1993, p. 917, que alega que «der nominale Wortschatz der deutschen Sprache besteht zu mehr als der Hälfte aus komplexen, das heißt mehr als ein Sprachzeichen umfassenden Wörtern.»).

Os compostos substantivais podem ser formados mediante o emprego não só do substantivo, adjetivo ou verbo como primeiro membro, mas em «casos mais raros», por outras classes: pronome, interjeição e numeral (cf. Weinrich, 1993, p. 925), a que acrescentamos ainda a combinação de advérbio e substantivo, de preposição e substantivo, e constituinte encurtado (sigla) e substantivo.

Do ponto de vista das relações semânticas que se estabelecem entre os seus constituintes imediatos, faz-se a distinção entre compostos copulativos (ou coordenativos), compostos possessivos e compostos determinativos (ou compostos por subordinação). Os primeiros são compostos em que os constituintes se encontram entre si numa relação de coordenação, isto é, ambos se encontram em pé de igualdade, pertencem à mesma categoria gramatical (num composto substantival, ambos os constituintes são substantivos) e do ponto de vista sintático-semântico cada membro poderia ocorrer segundo outra ordem se esta não estivesse já convencionalizada e fixada pelo uso. Não são muito frequentes na área substantival. Exemplos: Dichter-Sänger, Arzt-Kosmonaut, Sänger-Darsteller.

Os compostos possessivos são aqueles em que se verifica uma relação de subordinação entre os constituintes, mas em que o segundo elemento não representa um conceito geral dentro do qual caiba o denotado. Trata-se sobretudo de compostos que designam pessoas, animais ou plantas, mas em que essa designação se deve procurar não dentro do composto em si, mas fora dele. Por isso se chamam também compostos exocêntricos. Um «Milchgesicht» não é uma cara (Gesicht), mas uma «pessoa» que *tem* uma cara pálida (enquanto, de modo diferente, «Milchflasche» é uma garrafa para [a venda de] leite).

Nos compostos determinativos verifica-se uma relação de subordinação entre os elementos constituintes, ou seja, o membro determinante e especificador (o primeiro do composto) está sintaticamente subordinado e precede o

constituente base (o último, o determinado). É este último que é o núcleo do composto e que define a categoria gramatical a que a palavra composta pertence, bem como o seu género e a classe semântica. O determinante modifica ou restringe de certo modo o significado do constituinte de base classificando-o ou integrando-o com mais precisão numa subclasse ou subgrupo.

Ainda quanto à estrutura de formação destes compostos, têm de se referir dois aspetos. Um prende-se com a estrutura de cada constituinte imediato em si, visto que, como primeiro e segundo membro, podem ocorrer no composto ou morfemas simples ou elementos que são eles mesmos produtos de derivação ou de composição sobretudo.

Outro aspeto é que a formação dos compostos não se faz sempre apenas mediante a simples concatenação de dois (ou mais) morfemas constituintes. Entre estes constituintes pode ou não ocorrer um infixo ou elemento de ligação (*Fugenelement*), semanticamente vazio, mas que pode apresentar mais que um aspeto. Assim, entre o determinante e o determinado pode-se verificar sobretudo:

- a ausência de qualquer elemento de ligação;
- o acrescento do infixo -s-, se o determinante terminar, por exemplo, em
 -heit, -keit, -tät, -ung, -schaft, -ion, etc.;
- o acrescento de -es-: em regra se o primeiro constituinte for monossilábico e terminar em consoante oclusiva vozeada, por exemplo, Bundesstaat, Tagesordnung;
- o acrescento de -n- (entendido como marca de plural) como, por exemplo, em Warentest;
- o determinante mantém a forma de plural, como, por exemplo, em Staatenenbund.

São pois questões de natureza fono-morfológica que determinam a seleção do elemento de ligação.

A língua portuguesa conhece também a composição como processo de formação de palavras. Nele está envolvido um número mínimo de duas variáveis lexicais que podem ser ou radicais ou palavras. Este processo apresenta dois tipos: a composição morfológica, que consiste na concatenação de radicais simples ou complexos; e a composição morfossintática, na qual se verificam propriedades das estruturas sintáticas e propriedades das estruturas morfológicas.

A composição morfológica

Em relação aos compostos morfológicos, observa Villalva (cf. 2000, p. 350 e 353 ss. e 2003, p. 972) que formas como «antropófago» ou «ortografia», em que os constituintes são radicais, não são tradicionalmente considerados por todos os gramáticos como compostos, ou então são vistos como compostos eruditos. Isto porque muitos dos constituintes destes compostos ou são empréstimos do grego ou do latim, ou combinações de uns e de outros, ou a combinação de formas gregas ou latinas com formas do português (como em «autocarro»), ou combinações só de formas do português (exemplo: «luso-angolano») ou ainda combinações de empréstimos gregos e latinos e empréstimos de outras línguas (exemplo: «kartódromo»). Tais compostos são frequentes nas linguagens científicas ou técnicas. Entretanto este processo de composição já faz parte da gramática morfológica do português.

No processo de composição morfológica, a concatenação dos radicais exige a ocorrência de uma vogal de ligação como delimitador da fronteira entre esses radicais.

Os radicais que entram neste tipo de compostos podem encontrar-se entre si numa relação de modificação (subordinação) ou numa relação copulativa ou de coordenação, de modo que se faz a distinção entre estruturas de modificação (subordinação) e estruturas de coordenação.

Os compostos com estrutura de modificação têm o núcleo à direita. Assim, o termo «pirotecnia», com o radical *tecn* (com sentido de arte ou técnica) à direita e *pir* (com significado de fogo) à esquerda, terá de ser interpretado como «arte do fogo». Ao invés, o termo «tecnologia», com o radical *log* (ciência, estudo) à direita e *tecn* à esquerda, é interpretado como «ciência das artes ou das técnicas em geral». A posição do radical é pois determinante para a interpretação.

Os compostos morfológicos com uma estrutura de coordenação são, em português, sempre formas adjetivais como em: «(orientação) político-cultural». Embora em casos como «luso-angolano» a estrutura seja ambígua, porque se pode entender como adjetivo ou substantivo, o facto é que a relação entre os constituintes coordenados é uma relação de equivalência ou de simetria.

Vogal de ligação

Em português o elemento de ligação funciona de modo diferente do que se verifica em alemão (não consideramos aqui palavras de origem estrangeira),

e é uma vogal: ou -o- ou -i-. Ocupa uma posição própria dentro dos compostos e é um constituinte autónomo. A primeira, -o-, é uma reminiscência dos compostos gregos e latinos clássicos e ocorre em palavras como «fil o sofia» ou «antrop ó fag o». A vogal -i- ocorre em palavras em que «o radical da direita é um radical neoclássico de origem latina» (Villalva, 2003, p. 976), como, por exemplo, em «infant i cid a», «agr i mentor».

Composição morfossintática

Os compostos morfossintáticos são estruturas constituídas pelo menos por duas variáveis, que neste caso são palavras. São unidades lexicais com uma estrutura híbrida, dado que apresentam propriedades das estruturas sintáticas (a ordem dos constituintes é idêntica à ordem por que ocorrem na frase os constituintes sintáticos) e algumas propriedades características das estruturas morfológicas (realização da flexão em número e contraste de género).

Distinguem-se três subtipos de compostos morfossintáticos: os que são formados por adjunção, por conjunção e por reanálise de uma expressão sintática.

As estruturas geradas por adjunção (ou estruturas de modificação) são constituídas por dois substantivos, que se comportam como as estruturas sintáticas de núcleo nominal, isto é, apresentam um núcleo localizado à esquerda na estrutura, núcleo que não concorda em género e/ou número com o constituinte da direita, que tem a função de modificador. Assim, uma «*casa-modelo*» é uma casa que serve de modelo ou que é apresentada como modelo aos potenciais compradores, um «*carro-bomba*» é um carro que tem/encerra uma bomba (pronta a explodir). Plural: *casas-modelo*; *carros-bomba*.

As estruturas formadas por conjunção ou coordenação podem ser estruturas pertencentes à classe dos substantivos ou dos adjetivos. Os compostos mediante a coordenação de substantivos são mais numerosos do que os compostos formados por coordenação de adjetivos. Neste tipo de estrutura nenhum dos seus constituintes imediatos pode ser considerado como núcleo do todo formado. Na flexão em número, todos os constituintes (quer nominais quer adjetivais) assumem a mesma forma.

Exemplos: «jogador-treinador – jogadores-treinadores»
«jogadora-treinadora – jogadoras-treinadoras»

As estruturas de reanálise são estruturas que representam o resultado de um processo de nominalização, ou seja, de reinterpretação de uma expressão

sintática como palavra. Quer dizer, compostos como *saca-rolhas* ou *limpa-chaminés* contêm um substantivo que funciona como objeto direto do verbo, cuja forma corresponde à terceira pessoa do singular do presente do indicativo da primeira e da segunda conjugação e apresentam uma distribuição sintática típica de um substantivo, o que quer dizer que a sua posição na frase bloqueia a sua interpretação como expressão sintática,¹ como se verifica nos exemplos:

«Este objeto é um *saca-rolhas*».

«O nosso vizinho é um *limpa-chaminés*».

Além disso, o constituinte da direita não é o núcleo morfológico do composto, não determinando o seu género nem número.

Os compostos morfossintáticos que acabamos de caracterizar não podem ser confundidos com expressões sintáticas lexicalizadas, muitas das quais têm a forma de compostos preposicionais (cf. Vilela, 1994, p. 95), isto é, construções «em que os membros se encontram interligados por meio de preposição *de* (ou *a*) e em que o segundo elemento do composto é a palavra de determinação» (*ibid.*). Acrescentando Vilela: «também nestes compostos estamos na zona de transição entre construções livres e idiomatizações» (*ibid.*).

A razão por que passámos em revista os vários processos de formação de palavras nas línguas alemã e portuguesa é sobretudo esta: quisemos sublinhar que não se podem estabelecer paralelos perfeitos no que respeita a este par de línguas, devendo o tradutor ter absoluta consciência disso; e porque não havendo paralelos é que um composto determinativo alemão do tipo S + S encontra muito frequentemente como tradução em português uma expressão sintática lexicalizada (ou idiomatizada, como Vilela prefere), cuja estrutura na língua de chegada não é sempre a mesma:

Exemplos:

Premierminister	→	primeiro-ministro (S ² + S)
Innenminister	→	ministro do interior (S + Prep + Art + S)
Änderungsvertrag	→	tratado de revisão (S + Prep + S)
Geldhoheit	→	soberania monetária (S + Adj)

¹ É que os elementos das sequências *saca-rolhas* e *limpa-chaminés* também podem ocorrer em frases, pela mesma ordem por que aparecem nos compostos, como se verifica em: «Este objeto *saca rolhas*» / «O nosso vizinho *limpa chaminés*».

² As abreviaturas aqui usadas são: S = Substantivo; Adj = Adjetivo; V = Verbo; EL= Elemento de ligação; Pron = Pronome; Int = Interjeição; Num = Numeral; Adv = Advérbio; Prep = Preposição; Der=Derivado; Pref= Prefixo e Conv= Conversão.

Neste sentido, a exigência, sistematicamente repetida na teoria da tradução, de que o tradutor deve ter profundo conhecimento das línguas com que trabalha terá de ser complementada também com uma especificação em relação à tradução no âmbito das linguagens de especialidade, sobretudo alemãs: isto é, se estas revelam uma acentuada tendência para a construção sintética (veja-se a preferência pelo emprego de compostos determinativos), o que se justifica do ponto de vista funcional pelo que representa no sentido de abreviar frases e sintagmas nominais, servindo a economia de expressão (cf. Schmitt, 1992, p. 314) ou pelo esforço de se conseguir a maior clareza, precisão e concisão possível, o tradutor tem de estar preparado para lidar com essa economia de expressão (cf. também Fluck, 1985, p. 57) na língua de partida e desenvolver estratégias adequadas para que, no *translato*, não deixe de ser devidamente contemplado e expresso, por exemplo, o tipo de relações semânticas entre os constituintes imediatos dos compostos alemães. Exige-se, pois, competência tecnicamente especializada na área de especialidade em que o tradutor trabalha, fazendo ainda parte dessa competência o sentido da importância do contexto (em que determinado termo ocorre), dado que ele é determinante também para o correto entendimento do termo (composto).

Análise dos compostos

Feito o levantamento dos compostos substantivais do *corpus*, apresentaram-se-nos de imediato dois cenários ou dois aspetos diversos, que, aliás, se impõem em trabalhos contrastivos no âmbito de duas línguas: por um lado, a consideração dos materiais da língua de partida: no nosso caso concreto, a questão da estrutura morfológica dos compostos; por outro lado, o aspeto de que se revestem os respetivos correspondentes na língua de chegada, isto é, as soluções e as formas que foram propostas como correspondendo-lhes em português.

Em relação ao primeiro aspeto (estruturas dos compostos alemães), pode assentar-se, com Fleischer/Barz (1992, pp. 95-97), que, como primeiro e como segundo constituinte imediato dos compostos, podem ocorrer morfemas lexicais de base ou ainda um produto da derivação ou composição. Assim, e ilustrando com exemplos do *corpus*, distinguimos os seguintes casos:

- a) ambos os constituintes imediatos são morfemas lexicais simples concatenados sem elemento de ligação. Exemplo: «Hausgut» ($S_1 + S_2$);
- b) ambos os constituintes são morfemas lexicais simples ligados por um elemento de ligação. Exemplo: «Berufsdomicil» ($S_1 + EL + S_2$);

c) o primeiro elemento é um composto e o segundo é uma palavra simples.

Exemplo:

«Sozialstaatsprinzip» S_1 (Adj + S) + EL + S_2 ;

d) o primeiro elemento é simples e o segundo é uma palavra composta.

Exemplo:

«Warenwettbewerb» S_1 + EL + S_2 [S + S (V + Pref + Conv)];

e) ambos os constituintes são compostos. Exemplo: «Dienstleistungsbinnenmarkt» S_1 [S (V + Der) + S (V + Der)] + EL + S_2 (Prep + S);

f) o primeiro elemento é um derivado por sufixação e o outro constituinte é uma palavra simples. Exemplo: «Freiheitsrecht» S_1 (Adj + Der) + EL + S_2 ;

g) o primeiro constituinte é um elemento simples e o segundo um derivado (por prefixação e/ou sufixação). Exemplo: «Feinabstimmung» Adj + S_1 (V + Der);

h) o primeiro constituinte é um derivado por sufixação e o segundo é uma palavra composta. Exemplo: «Anpassungslehrgang» S_1 [V (Pref + V) Der] + EL + S_2 (V + S);

i) ambos os constituintes são derivados por sufixação. Exemplo: «Eignungsprüfung» S_1 (V + Der) + EL + S_2 (V + Der).

Reconhecer o modo como estão estruturados morfossintaticamente os compostos e proceder à sua segmentação correta é sem dúvida um passo importante para o tradutor ter êxito no seu trabalho. Mas não será suficiente: faltar-lhe-á ainda entrar em linha de conta com a dimensão semântica e, neste sentido, descobrir as regularidades que subjazem àquelas construções, regularidades segundo as quais se formam as palavras compostas e que permitem analisar e descrever as relações semânticas que se estabelecem entre os membros que entram na sua formação.³ De facto, as relações de sentido entre os constituintes imediatos destes compostos (determinativos) são muito menos explícitas do que no sintagma ou na frase,⁴ ou ficam mesmo por exprimir, de modo que para se chegar a (explicitar) essas relações se pode recorrer à

³ É que o significado de um composto determinativo não depende apenas do significado dos seus membros constituintes, mas também das relações semânticas entre esses membros e por vezes de um processo de idiomatização (cf. Schippan, 1992, pp. 100-101).

⁴ Como Schippan (1992, p. 107) escreve: «Hier wird offensichtlich, daß Wortinterpretationen anders als Satzinterpretationen verlaufen. Der Wortbildungskonstruktion fehlen "Anzeiger" für die internen semantischen Beziehungen.»

paráfrase, como método de análise dos compostos, paráfrase que por sua vez pode assumir a forma ou de frase ou de sintagma. É esta uma solução que se vê posta em prática por exemplo em Fleischer/Barz (1992), em Motsch (1999) ou é sugerida por Fluck (1985, p. 59) na lista deliberadamente limitada em que apresenta, como formas de paráfrase de compostos, as sequências:

- substantivo + frase relativa (atributiva);
 - o sintagma constituído por artigo + adjetivo atributivo + substantivo;
 - a sequência de substantivo + preposição + substantivo
- ou, ainda,
- substantivo + preposição + artigo + substantivo.

Mas uma análise dos substantivos compostos mediante o recurso ao processo parafrástico e aos casos semânticos é uma tarefa por vezes difícil, porque nem sempre está garantida a descoberta precisa das relações semânticas entre os constituintes dos compostos, nomeadamente nos casos em que os materiais envolvidos estão na origem de ambiguidades. Como refere Erben (1972, p. 158), a ambiguidade de um termo como «Kinderliebe» só pode ser resolvida pelo contexto ou pela situação comunicativa, pois que, sem esse apoio, se apresentam pelo menos três possibilidades de interpretação: «Liebe zu Kindern», «Liebe der Kinder (zu den Eltern)» ou «Liebe der Kinder untereinander». Excetuando casos extremos como estes, a interpretação dos compostos apoia-se, para além dos fatores acabados de referir, em:

- «usualisierte Beziehungen zwischen Benennung und Denotat [...]
 - sprachinterne Informationen über die semantische Beziehung der UK [unmittelbare Konstituenten, M.M.] [...]
 - ‘Weltwissen’ bzw. ‘Sachsteuerung’» (Fleischer/Barz, 1999, pp. 94-95),
- que não podem ser descurados e que são outras tantas orientações para quem assume a tarefa de traduzir textos.

É portanto um dado adquirido que com estas formas de paráfrase não se consegue abranger a multiplicidade das relações de sentido entre os constituintes imediatos dos compostos (permanecendo sempre a questão de como melhor se podem definir as relações entre esses elementos), mas elas representam o princípio de um caminho a tentar pelo tradutor que traduz para uma língua tipologicamente analítica.

Se no entanto quisermos ir um pouco mais longe, sem que com isso estejamos a pretender dizer que o tradutor se tenha de constituir em linguista, mas para o motivar para a importância desta dimensão, podemos partir de que nos compostos estão envolvidos predicados ou palavras predicativas, que têm

a propriedade de ter argumentos, isto é, de abrir lugares vazios a preencher por determinados outros elementos lexicais. Dito de outro modo, há palavras a cujo significado é possível associar determinada outra ou outras, estabelecendo-se uma relação – a de predicação – entre a palavra predicativa e os seus argumentos. Falar da estrutura argumental de uma palavra predicativa equivale, pois, a que se indique o número e a natureza dos seus argumentos.

Aplicando estas noções à análise dos compostos determinativos do *corpus*, cujo primeiro membro é um substantivo, orientando-nos pelas propostas de Fleischer/Barz (1992) e Motsch (1999) e tomando como exemplo o termo «Absichtserklärung», observemos qual a sua estrutura argumental. O segundo elemento do composto, «-erklärung», o componente que é modificado, constitui o núcleo do conjunto. A representação semântica deste segundo constituinte contém o predicado, ocupando o primeiro constituinte o lugar vazio, a posição de argumento desse predicado. O papel semântico, o tipo de relação semântica que associa o argumento («Absicht») à palavra predicativa que o seleciona, é o de tema ou objeto.

Esta relação compreende-se melhor se nos valermos aqui brevemente também de certos princípios da gramática de valências. Sendo o substantivo «Erklärung» um *nomen actionis*, um derivado do verbo «erklären», ele apresenta uma valência que se aproxima da do verbo. Ora, o verbo é bivalente, o que quer dizer que abre dois lugares vazios: um para o sujeito (um agente humano) e um segundo lugar vazio, aberto para o argumento – o objeto – do predicado «erklären»: «*jemand erklärt etwas*». O composto em análise, com um único lugar vazio, pode assim ser parafraseado como: «Erklärung/Mitteilung einer (unverbindlichen) Absicht».

O que acabamos de afirmar em relação à estrutura argumental em «Absichtserklärung» é igualmente válido para muitos outros compostos do *corpus*. Quer dizer, nem todos os nomes têm propriedades predicativas, mas de entre os substantivos que selecionam argumentos encontram-se em regra os substantivos derivados, ou seja, um número considerável de nomes terminados em *-ung*, marca de derivação deverbal (o verbo de base é um verbo transitivo, simples ou prefixado). Sem necessariamente esgotarmos a lista, sirvam de exemplos os nomes: «Ausübungsberechtigung», «Ertragsmaximierung», «Gesetzesverkündung», «Handelsbeschränkung», «Handelsregelung», «Integrationsförderung», «Qualitätsanforderung», «Verwaltungsvereinfachung»,...

Em todos eles o papel semântico do primeiro constituinte imediato é o de tema (ou objeto) e isto corresponde ao facto de, em português, como se comprova pelas respetivas soluções tradutivas, os argumentos nominais

ocorreram na estrutura sintática sob a forma de sintagmas preposicionais (com a preposição *de*) situados à direita do núcleo lexical: «Ausübungsberechtigung»: licença de exercício; «Ertragsmaximierung»: maximização das receitas, etc. Ora, como dissemos anteriormente, a formulação proposta na tradução acaba por parafrasear – e assim explicitar da única maneira possível para a língua portuguesa – o significado dos compostos ou, melhor, as relações semânticas entre os seus constituintes.

Mas encontram-se outros tipos de relações semânticas entre os elementos de outros compostos. Assim, em «Gesetzesbindung», temos uma relação valencial entre os constituintes; a paráfrase mostra que há um actante obrigatório regido pela preposição ‘an’ (a mesma que rege o complemento do verbo base): «die Bindung an das Gesetz». Esse facto reflete-se mais uma vez na tradução portuguesa: «vinculação à lei» (cf. vincular alguém *a* alguma coisa). Que a relação semântica nos compostos não se consegue descobrir simplesmente a partir dos elementos constituintes prova-se mais uma vez com base em «Freiheitsrecht»: o primeiro constituinte é o complemento regido da preposição *auf* exigida pela valência de *Recht*: «Recht auf Freiheit».

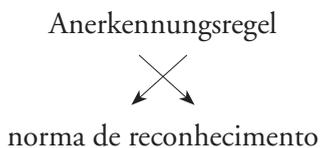
Em «Änderungsvertrag», o tipo de relação semântica que associa o argumento *Änderung* ao predicador «Vertrag» é o de finalidade: a operação de paráfrase torna isso claro: «Vertrag zur Änderung (eines Rechtsverhältnisses)». Também nos parece ser essa mesma relação que se verifica em «Hoheitsrecht». A paráfrase seria: «Recht eines Staates zur Ausübung der Staatsgewalt», convencionalmente chamado em (e traduzido para) português «direito de soberania». No termo «soberania» contém-se justamente a noção de «poder político do Estado».

Em «Gesellschaftsgründer» o papel do segundo constituinte (formalmente um substantivo derivado, deverbal) é o de agente e «Gesellschaft» o de objeto. «Gründer» é um *nomen agentis*. Os substantivos desta classe semântica designam a pessoa que (ocasionalmente) desenvolve a atividade designada pelo verbo de base.

Interessantes são ainda as relações semânticas respetivamente existentes entre os constituintes de «Bundesland» e de «Bundesstaat». No primeiro composto temos uma relação (constitutiva) parte-todo: um «Bundesland» é um Estado-membro de um Estado federal; e no segundo composto a relação é a relação todo-partes: um «Bundesstaat» é uma organização política e territorial assente numa federação de Estados. Essas relações diversas encontram um reflexo direto nas respetivas traduções: «estado federado» e «estado federal», em que os adjetivos atributivos marcam a diferença fundamental.

Em relação a muitos compostos do *corpus*, pode dizer-se que um dos seus membros, geralmente o primeiro, ocupa uma posição de argumento da representação semântica do outro membro. Neste sentido, a interpretação do composto pode ter mesmo como base os seus próprios membros. Mas também por vezes, sobretudo quando os compostos estão idiomatizados, o falante/o tradutor tem de recorrer ao seu saber enciclopédico (sociocultural) para poder proceder à interpretação plena desses compostos e escolher a formulação adequada, convencionada. Parece-nos ser o caso de, por exemplo, «Unternehmensanteil» e «Hoheitsgebiet», que se podem parafrasear, respetivamente, como «Anteil am Kapital eines Unternehmens» e como «Gebiet, das der Hoheit eines Staates untersteht», e em que ocorrem materiais lexicais que não aparecem no composto. E é porque as soluções encontradas na tradução portuguesa dos termos alemães também refletem o recurso a esse saber que afirmámos anteriormente que elas parecem verdadeiras alternativas sintáticas à descrição da análise semântica que se pode fazer dos compostos alemães.

Após o que dissemos anteriormente, e tendo observado que nos compostos determinativos alemães é a pré-determinação que domina, isto é, a sequência determinante-determinado, logo se torna visível um aspeto que não se pode deixar de sublinhar do ponto de vista contrastivo entre o alemão e o português: nesta última língua (como aliás noutras línguas românicas) predomina a sequência determinado-determinante, ou seja, a pós-determinação. Esta inversão pode assim ser representada graficamente por um X:



Nestes «compostos preposicionais» (para usar a terminologia de Vilela, 1994, p. 95) portugueses, com a forma básica de S + Pref + S e que traduzem os respetivos compostos determinativos alemães, estão não só representadas como ficam mais explicitadas as diferentes relações que se podem exprimir entre determinante e determinado.

Verifica-se todavia que muitos compostos determinativos alemães podem ter em português como correspondente uma construção com a forma S + Adj, em que portanto o adjetivo atributivo surge imediatamente justaposto ao substantivo, sem interposição de qualquer outro elemento linguístico. Isto porque, como escreve Fonseca (1993, p. 9), «as qualidades representadas

pelo adjetivo num enunciado podem constituir notas que alargaram a compreensão do conceito denotado pelo nome [...] o adjetivo assume a função semântica de *restrição/seleção*, pois delimita a extensão do nome.» Com adjetivos deste tipo, os chamados adjetivos relacionais, que formam «uma unidade coesa no plano sintático-semântico» (*ibid.*), exprimem-se relações de vária ordem, como locais e temporais, ou relações de posse, de fim, de âmbito, de esfera ou de matéria. É assim que, por exemplo, «Berufsdomicil» (parafra-seável por «Ort, wo jemand einen Beruf ausübt») se pode traduzir por «domicílio profissional» (como paráfrase semelhante à alemã), «Zukunftsverhalten» (= «Verhalten in der Zukunft»), por «conduta futura» e «Bundesgesetz» (= «Gesetz des Bundes») é uma «lei federal» (= «da Federação»).

Soluções tradutivas desta natureza podem, ocorrer, admitimos nós, intuitivamente no tradutor. Isto, também porque os materiais auxiliares a que o tradutor geralmente recorre não só não incluem muitas palavras compostas, nomeadamente as das linguagens de especialidade, como, e isso por maioria de razão, não apresentam indicações gramaticais quanto ao uso (possibilidades de uso) e funções de recursos e construções pelas quais as línguas se podem decidir.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi constituir-se um contributo no sentido da análise de substantivos compostos, extraídos de um segmento de texto de um manual universitário alemão de direito, traduzido para português, para que, com base nesses elementos, e com vista à sua correta interpretação e compreensão, se «descobrissem» – nomeadamente através da análise dos modelos de formação de compostos substantivais as relações de sentido entre os seus constituintes imediatos, de modo a mostrar a razão por que a linguagem do direito pode recorrer frequentemente a termos compostos como meio de condensação e precisão da informação veiculada, e sobretudo com o intuito de, ao mesmo tempo, e de maneira detalhada, justificar linguisticamente as soluções tradutivas propostas e encontradas no translato português, o que quer dizer que o tradutor não passou à margem daqueles aspetos.

O que demonstra um aspeto fundamental da questão dos tradutores jurídicos: em paralelo com o conhecimento maduro e fundamentado dos sistemas jurídicos de partida e de chegada, o tradutor envolveu-se na compreensão clara das relações semânticas entre os termos constituintes dos compostos

alemães. Este facto também permite-nos afirmar que na tradução jurídica não há, portanto, a bem dizer, lugar para o tradutor generalista que se debate ainda por vezes com questões de natureza sintática e que faz do dicionário uma fonte de principal de informação. Ora, precisamente a grande maioria dos termos compostos das linguagens específicas (como a do direito o *é*) não encontra registo nos dicionários nem, por isso mesmo, indicações quanto ao seu preciso contexto e significado. Neste sentido, e continuamos a referir-nos às relações semânticas entre os constituintes dos compostos – veículos centrais da informação – apenas a competência abalizada do tradutor pode apontar a solução a adotar.

Referências bibliográficas

- ARNTZ, R. / PICHT, H. (1989). *Einführung in die Terminologearbeit*. Hildesheim/ Zürich/New York: Olms.
- CUNHA, C. (1971). *Gramática Moderna*. Belo Horizonte: Editôra Bernardo Álvares S.A.
- CUNHA, C. / CINTRA, L. (1995). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DROZD, L. / SEIBICKE, W. (1973). *Deutsche Fach- und Wissenschaftssprache. Bestandaufnahme – Theorie – Geschichte*. Wiesbaden: Oscar Brandstetter Verlag KG.
- EICHINGER, L. M. (2000). *Deutsche Wortbildung. Eine Einführung*. Tübingen: Narr.
- ELISEU, A. / VILLALVA, A. (1991). Tira-teimas: Entre Morfologia e Sintaxe. *Actas VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, pp. 116-140.
- ENTSCHEVA, M. (1992). *Strukturelle und semantische Motivationsanalyse der unmittelbaren Konstituenten deutscher Substantiv-Komposita in chemisch-technologischen Fachtexten*. Text – Fachwort – Übersetzen. Godglück, Peter (Hg.), pp. 201-233.
- ERBEN, J. (1972). *Deutsche Grammatik. Ein Abriss*. München: Max Hueber Verlag.
- ERBEN, J. (1993). *Einführung in die deutsche Wortbildungslehre*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- FARIA, I. H. / PEDRO, E. R. / DUARTE, I. / GOUVEIA, C.A.M. (org.) (2005²). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

- FLEISCHER, W. / BARZ, I. (1995). *Wortbildung der deutschen Gegenwartssprache*. Tübingen: Niemeyer.
- FLUCK, H.-R. (1985). *Fachdeutsch in Naturwissenschaft und Technik: Einführung in die Fachsprachen und Didaktik/ Methodik des fachorientierten Fremdsprachenunterrichts (Deutsch als Fremdsprache)*. Heidelberg: Julius Groos Verlag.
- FONSECA, J. (1993). *Funções Sintáticas e Funções Semânticas do Adjectivo em Português. Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Editora, pp. 7-32.
- HOFFMANN, L. et al. (1999). *Fachsprachen. Ein internationales Handbuch zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft*. Berlin: De Gruyter.
- MATEUS, M. H. M. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (5.^a edição, revista e aumentada), Lisboa: Editorial Caminho.
- MÖHN, D. / PELKA, R. (1984). *Fachsprachen – Eine Einführung*. Tübingen: Niemeyer.
- MOTSCH, W. (1999). *Deutsche Wortbildung in Grundzügen*. Berlin / New York: De Gruyter.
- MOURA, M. (2012). *A Linguagem do Direito: Uma Linguagem de Especialidade. Aspectos do Léxico Jurídico Alemão e o seu Respectivo Tratamento em Português*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Filologia e Tradución / Universidade de Vigo.
- SCHIPPAN, T. (1992). *Lexikologie der deutschen Gegenwartssprache*. Tübingen: Niemeyer.
- SCHMITT, C. (1992). *Tecnolectos. Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Holtus, G. / METZELTIN, M. / SCHMITT, Ch. (Hrsg.). Bd. VI, 1. Tübingen: Niemeyer, pp. 295-327.
- STOBER, R. (2006¹⁵). *Allgemeines Wirtschaftsverwaltungsrecht*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer;
- STOBER, R. (2008). *Direito Administrativo Económico Geral*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- STOLZE, R. (1992). Rechts- und Sprachvergleich beim Übersetzen juristischer Texte. In K.-D. BAUMANN / H. KALVERKÄMPER (Hrsg.), *Kontrastive Fachsprachenforschung*. Tübingen: Narr, pp. 223-230.
- STOLZE, R. (2009). *Fachübersetzen – Ein Lehrbuch für Theorie und Praxis*. Berlin: Frank und Timme.
- TRABANT, J. (1983). Das Andere der Fachsprache. Die Emanzipation der Sprache im neuzeitlichen europäischen Sprachdenken, *LiLi – Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 13/1983, H. 51/52, pp. 27-47.

- VILELA, M. (1994). *Estudos da Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- VILLALVA, A. (2000). *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- VILLALVA, A. (2003). Formação de Palavras: Afixação. In M. H. M. MATEUS *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa* (5.^a edição, revista e aumentada), p. 939-967.
- WEINRICH, H. (1993). *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim / Leipzig / Wien / Zürich: Dudenverlag.

TÍTULO: Análise de Estratégias de Tradução. O Caso dos Substantivos Compostos na Linguagem Jurídica no Par de Línguas Alemão-Português

RESUMO: Neste artigo analisaremos a tradução dos compostos substantivais alemães para o português, uma vez que é uma das classes gramaticais onde se encontram integrados elementos da língua que são os maiores portadores de informação dentro da linguagem do direito. Por um lado, não podemos deixar de lembrar que quase diariamente temos de fazer uso da linguagem jurídica, sem termos consciência desse facto e sem conhecermos a origem das palavras. Por outro lado, a atual globalização fez com que crescesse a necessidade de traduções na área do direito, uma tarefa difícil, mas não impossível.

TITLE: Translation Strategies: the case of the compound nouns in legal texts in the language pair german/portuguese

ABSTRACT: In this article I will analyze the translation of German compound nouns into Portuguese, because it is one of the grammatical classes in which are integrated the elements of the language which are considered major carriers of information as regards the legal language. On one hand, we ought not to forget that people often have to make use of legal language, which we find in many aspects of our daily life, but often we are unaware of that fact and unaware of the origin of the words. On the other hand, the present globalization caused the growth of legal translations, a difficult but not impossible task.